

Giuseppina Pirro: entre uma trajetória plural e invisibilidade historiográfica

Giovanna Teixeira Freire

Orientação: Profa. Dra. Paula Gorenstein Dedecca (Escola da Cidade).

Pesquisa: Iniciação Científica, Escola da Cidade, 2021.

A partir do estudo da atuação de Giuseppina Pirro, o artigo discute o lugar da mulher arquiteta no campo profissional brasileiro entre 1940 e 1990, especialmente no do Rio de Janeiro, bem como problematiza o apagamento de determinadas trajetórias profissionais femininas pela historiografia canônica da arquitetura e do urbanismo no Brasil, confrontando-a com a projeção e inserção institucional da arquiteta em seu tempo. Imigrante italiana formada em arquitetura, Pirro teve uma extensa e intensa atuação no campo arquitetônico, local, nacional

e internacionalmente, conquistando autonomia e estabelecendo uma ampla rede de sociabilidade profissional, apesar de pouco ou nada sabermos sobre ela a partir da historiografia especializada. Por fim, busca-se dialogar e contribuir com o campo de pesquisas sobre gênero na profissão, aprofundando o entendimento sobre o lugar da mulher arquiteta no período e seus embates, em um momento de formulação e consolidação de um modo de operação profissional individual e coletivo, presente de certo modo até hoje na prática brasileira.

Palavras-chave: Giuseppina Pirro; arquitetas invisíveis; desigualdade de gênero.

Giuseppina Pirro: among a plural trajectory and her historiographical invisibility

Based on the study of Giuseppina Pirro's work, this article aims to discuss the role of women architects in the Brazilian professional field between 1940 and 1980, especially in Rio de Janeiro. It also problematizes the erasure of certain female professional trajectories by the canonical historiography of architecture and urban planning in Brazil, contrasting it with the with the architect's projection and institutional insertion during her time. An Italian immigrant, with a degree in architecture, Pirro had an extensive and intense career in the architectural field, locally, nationally, and internationally, establishing autonomy and building a wide network of professional sociability. Despite this, little or nothing is known about her from specialized historiography. Finally, this analysis seeks to engage in a dialogue and contribute to the field of research on gender in the profession, deepening our understanding of the role of women architects during this period and their struggles. This occurred at a time of formulating and consolidating an individual and collective mode of professional operation, a legacy that persists to some extent in Brazilian practice today.

Keywords: Giuseppina Pirro; invisible architects; gender inequality.

Giuseppina Pirro: entre una trayectoria plural y su invisibilidad historiográfica

A partir del estudio de la actuación de Giuseppina Pirro, este artículo busca discutir el lugar de las arquitectas en el campo profesional brasileño entre 1940 y 1990, especialmente en Río de Janeiro, así como problematizar el apagamiento de trayectorias profesionales femeninas por parte de la historiografía canónica de la arquitectura y el urbanismo en Brasil, enfrentándolo con la proyección e inserción institucional de la arquitecta en su tiempo. Inmigrante italiana, licenciada en arquitectura, Pirro tuvo una dilatada e intensa actuación en el campo arquitectónico, a nivel local, nacional e internacional, logrando autonomía y estableciendo una amplia red de sociabilidad profesional, aunque poco o nada sabemos de ella desde la historiografía especializada. Finalmente, a partir de este análisis, se pretende dialogar y contribuir al campo de la investigación sobre género en la profesión, profundizando en la comprensión del lugar de las arquitectas en el período y sus conflictos, en un momento de formulación y consolidación de un modo de funcionamiento profesional individual y colectivo, presente de cierta manera en la práctica brasileña hoy.

Palabras clave: Giuseppina Pirro; arquitectas invisibles; desigualdad de género.

1. PISTAS ENTRELAÇADAS DE UMA TRAJETÓRIA

O "Augustus", como era esperado, no ancoradouro dos navios mercantes, lançou ferros ao amanhecer de ontem. [...] Para esta capital, o luxuoso transatlântico trouxe os seguintes passageiros: [...] Clotilde Pirro, Giuseppina Pirro, Clara Tonini e outros. (PELO "AUGUSTUS", 1935)

Assim foi anunciada a chegada do grande transatlântico que, em 1935, transportou a jovem Giuseppina, sua avó, Giuseppina Grandina, sua mãe, Clara Tonini, e sua irmã, Clotilde Pirro, para a então capital brasileira, o Rio de Janeiro. Anos antes, em 1930, Giuseppina Pirro Tonini, nascida na cidade italiana de Anzio, em 04 de fevereiro de 1921, embarcou no transatlântico Giulio Cesare (PELO "GIULIO CEZARE", 1930), que saiu de Gênova rumo a Buenos Aires. Na capital argentina, passou os cinco anos seguintes ao lado de sua família. Apesar da conturbada situação enfrentada pela Itália, que naquele momento lidava com o regime fascista de Mussolini, os fatores que levaram a família a emigrar são desconhecidos. Tampouco sabemos os motivos da escolha do destino ou como foram estes anos para a família. Uma nota no jornal "Diário da Noite" é a primeira menção que temos ao nome de Giuseppina. Nela, era anunciado o desembarque dos viajantes do transatlântico em Buenos Aires, citando uma breve lista de bordo do navio (FIG. 1), na qual constavam as mulheres da família.

Para contextualizar historicamente, a década de 1930 no Brasil foi marcada por mudanças relevantes, que encerravam o primeiro ciclo do Estado getulista e inauguravam um curto período constitucional sob o mesmo comando. Com o golpe do Estado varguista, entraríamos no chamado Estado Novo, ou o "nosso pequenino fascismo tupinambá", como descreveu Graciliano Ramos (2007, p.1 apud SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.375). Entre sambas, malandragens e autoritarismos, como bem descrevem Schwarcz e Starling (2015), a brasilidade reafirmada nesse período provocou um processo de modernização que buscava forjar o conceito de novo homem brasileiro.

Simultaneamente, ocorria ainda a redução significativa da imigração estrangeira, seja pela crise mundial, seja pela disposição da nova Constituição estabelecida pelo governo getulista em 1934, que previa uma "lei de cotas" ao número de imigrantes presentes no Brasil.

Ainda assim, o segundo registro que temos em nossa pesquisa do nome de Giuseppina Pirro é de 1935, justamente com a informação da chegada da família no Porto do Rio de Janeiro (PELO "AUGUSTUS", 1935). A lista de bordo, disponibilizada digitalmente pelo Arquivo Nacional, do transatlântico Augustus, que ancorou em 3 de março de 1935, descrevia a chegada no país de imigrantes de nacionalidades diversas, principalmente da América Latina, incluindo a família de Giuseppina. Seria toda a dificuldade de imigrar para o Brasil um argumento plausível para a família Pirro Tonini permanecer em Buenos Aires por certo tempo antes de chegar em terras brasileiras? Nada podemos afirmar sem as devidas comprovações deste ocorrido, apesar de possuímos aqui uma hipótese a ser considerada.

A lista, em que consta a família Pirro Tonini, faz parte da documentação da primeira classe do navio, informação que nos dá dica sobre sua posição social e econômica. Giuseppina, ou Josephina, como consta no registro abrigado, foi a quarta listada, logo atrás de sua mãe e irmã, seguida por pessoas de alto escalão, cujas profissões se resumem a diplomatas, médicos e até mesmo religiosos. Na mesma documentação é possível esclarecer algumas outras questões pontuais: como a ida direta da família para o bairro da Glória, uma área privilegiada da capital carioca nos anos de 1930, e a comprovação de que Giuseppina desembarcou no Brasil aos 14 anos de idade, ainda em fase escolar. O fato de que já era possível à família informar o endereço de residência indica, talvez, que sua chegada já estivesse sendo organizada por alguém aqui já instalado. Nesse sentido, é interessante notar que, nestes documentos, constam somente as mulheres da família. O nome de seu pai, Vincenzo Pirro, bem como de seu irmão, Gianinno Tonini, apareceram somente em documentações com datas posteriores. Assim, não se sabe ao certo quando vieram ao Brasil, mas é possível que tenha sido

OL.O. RPV. PRJ. 28926

1ª Classe
 Lista de passageiros desembarcados de **AUGUSTUS** (nome do navio)
 e 480 pessoas de tripulação procedente de **Buenos Aires** (porto de origem)
 com 3 dias e Jornas de viagem sob o comando de **Ferdinando Pesce** consignado neste porto
 a S.A. Brasileira de Expressos Marítimos

SERVICO DE IMIGRACAO
 Porto Rio Janeiro
 Rio Janeiro - 30 de Março de 1935.

Companhia **ITALIA** Fl. 1 O papel de carta de cada lista deve ser de tamanho de 0,44x0,33 m. para uniformidade de arquivo. A lista deve ser escrita em caracteres inteligíveis, sem omissões, emendas ou rasuras e ocupar sua folha respectiva.
 Os nomes não deverão ser agrupados nas colunas seguintes a ordem numerica a margem. Nenhum nome poderá ser omitido.
 O não cumprimento desses preceitos sera punido coa multa.
 Reg. Deer. N.º

N.º	NOME E COGNOME	Sexo	Idade	Est. civil	Nacionalidade	Profissão	Parentesco com o chefe de família	Religião	Instrução	Última residência		Porto de procedência	Destino ou Residência	Classe	N.º de passagem	Passaporte		
										Localidade	País					N.º	Expedição	
																	Data	Local
1	Saraguetta Gaspar	M	40	C	Espana	Comercio	Solo	C	si	Argent	B'Aires	B'Aires	Hotel Suiza	1a	523	1121	26/3/35	B'Aires
2	Clara Tonini	F	35	C	Italiana	Casara	Mae	C	si	-	-	-	Av. Augustus Severio 60	1a	9458	12019	3.6/2/35	Rio Janeiro
3	Cleilde Pirro Tonini	F	15	S	-	Estudios	Filha	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
4	Josefina Pirro Tonini	F	14	S	-	-	-	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
5	Pablo Adler	M	30	S	Argentino	Diplomatico	Solo	C	si	-	-	-	Hotel Gloria	1a	5463	115	31/7/35	B'Aires
6	Hilary J. Dowald	M	57	S	U.S.A.	Religioso	Solo	C	si	-	-	-	-	1a	1799	51	9/4/34	Roma
7	Osea de Andrade Adler	M	27	S	Brasil	Comercio	Solo	C	si	-	-	-	Dwavo Alvin 24	2a	3442	1252	13/3/35	Rio Janeiro
8	Fernando Martinho	M	34	C	Brasil	Diplomatico	Chefe	C	si	-	-	-	Estranghero Hotel	2a	4144	506	14/3/35	Santiago Chile
9	Lisa L. de Martinho	F	26	C	Chile	Reintista	Mulher	C	si	-	-	-	-	*	*	-	-	-
10	Fernando Martinho	M	5	S	Brasil	-----	Filho	C	mae	-	-	-	-	*	*	-	-	-
11	Ricardo Larrain Bravo	M	34	C	Chile	Diplomatico	Solo	C	si	-	-	-	Embasciata Chile	1a	3005	49	15/3/35	Santiago Chile
12	Manuel E. Flor	M	44	C	Ecuador	Diplomatico	Chefe	C	si	-	-	-	Copacabana Hotel	1a	1799	8	14/2/35	Quito
13	Maria V. de Flor	F	48	C	-	Reintista	Mulher	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
14	Franisco A. Barona	M	24	S	-	Diplomatico	Solo	C	si	-	-	-	Palisanda Hotel	1a	1799	9	14/2/35	-
15	Maria Kanits	F	55	C	Brasil	Casara	Sola	C	si	-	-	-	Rua Joaquin Nabuco	1a	9453	1113	20/2/35	Pol. Dist. Federal
16	Carlos Guinle	M	51	C	-	Industrial	Chefe	C	si	Uruguay	B'Aires	B'Aires	Prata Lotafogo	1a	1999	1221	8/3/35	-
17	Silvia de Oliveira Guinle	F	44	C	-	Reintista	Mulher	C	si	-	-	-	-	1a	*	1223	-	-
18	John G. O'Donoghue	M	29	C	Britanico	Comercio	Chefe	C	si	-	-	-	Copacabana Hotel	1a	5351	49/81	26/3/35	Montevideo
19	Katherine O'Donoghue	F	24	C	-	Casa	Mulher	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
20	Abdo Nader	M	34	C	Líbano	Industr.	Chefe	C	si	Brasil	S. Paulo	Santos	Sabois Lima 77 Rio	1a	802	-	-	-
21	Melina Nader	F	26	C	-	Casara	Mulher	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
22	Oleudio Nader	M	2	S	Brasil	---	Filho	C	mae	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
23	Hedwiges Bank	F	28	S	Alemana	Nifera	Nifera	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-
24	Marcos Paulo	M	34	C	Brasil	Industr.	Chefe	C	si	-	-	-	Copacabana Hotel	1a	798	-	-	-
25	Mateirasso Dora	F	31	C	-	Casara	Mulher	C	si	-	-	-	-	1a	*	-	-	-

FIG. 1:

Lista de bordo do transatlântico Augustus, apontando a chegada de Giuseppina Pirro no Brasil.

Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

antes do restante da família, tal como faziam tantos outros imigrantes.

Apesar das limitações jurídicas, o censo de 1940 revela a presença de 22 mil imigrantes italianos residindo na cidade do Rio de Janeiro (TRENTO, 1989, p.102-103 apud BERTONHA, 2014, p.418) dentre uma população total de 1.764.141 habitantes. Dado isto, é possível considerar somente a realidade de um Brasil cinco anos antes da chegada de Giuseppina no Porto do Rio de Janeiro. Assim, é de se notar que a família de Giuseppina fez parte da parcela de imigrantes residentes em áreas mais privilegiadas da cidade, algo incomum, já que apesar de muitos imigrantes passarem pelo processo de ascensão social durante os anos no Rio de Janeiro, a família Pirro desembarcou na cidade já com uma situação econômica aparentemente confortável. Já no Brasil, Giuseppina foi introduzida imediatamente na vida religiosa e na rotina acadêmica para cursar o ensino secundário, no Colégio Aldridge, onde se formou em 1937 (NOTICIÁRIO ELEGANTE, 1937).

Foi na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) que Giuseppina iniciou sua formação profissional como arquiteta, ingressando

em 1938. Tentemos apontar brevemente alguns pontos que contextualizem o lugar ocupado pela instituição no meio acadêmico e profissional brasileiro. De acordo com Rabelo (2011, p.35), apesar de certa "autonomia pedagógica" garantida pelo cunho artístico do ensino, o período de 1925 a 1930 na ENBA foi marcado pela tentativa de sua inserção na lista de escolas de ensino superior, com o intuito de garantir recursos e a valorização de funcionários e professores, utilizando então as perspectivas de formação *Beaux-Arts*.

Ainda de acordo com Rabelo (2011, p.39), após mudanças e reformulações do ensino, o contexto que Giuseppina encontrou ao ingressar na ENBA contava com novos professores e um corpo discente que faziam parte do grupo alinhado ao ideário modernista. Em 1933, antes da entrada de Giuseppina na instituição, a ENBA enfim reformulou sua grade curricular, estabelecendo dois cursos autônomos: Arquitetura e Pintura e Escultura (LUCHESE, 2009). A reestruturação foi fruto de disputas pela transformação do ensino de arquitetura no país a partir de sua aproximação às tendências de

renovação de linguagem e de perspectivas sobre o que seria "ser um arquiteto". Já nos últimos anos da formação de Pirro, a ENBA enfrenta uma nova reformulação de grade curricular, que separa o curso de arquitetura e propõe uma escola exclusiva para a disciplina: a Faculdade Nacional de Arquitetura, fundada em 1945, tornando Pirro diplomada em sua primeira turma naquele ano.

Entre reformulações de grade curricular, Lucio Costa é afastado da diretoria da ENBA pelos professores da instituição, dando lugar ao líder da oposição do novo ideário arquitetônico, Archimedes Memória. Ainda que dentro do campo acadêmico a oposição se sustentasse, no meio profissional brasileiro os anos de 1940 foram fundamentais para a consolidação do movimento moderno e, em 1945, como resultado da luta pela autonomia do ensino da arquitetura e da legitimação da profissão do arquiteto, a grade curricular da ENBA é novamente reestruturada para um curso que integra o ensino artístico ao técnico científico. A nova grade torna o curso de arquitetura da ENBA a nova Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, desvinculando cursos de engenharia e belas artes, enquanto incluía professores com formação em arquitetura e simpatizantes do ideário modernista. Pirro, portanto, forma-se justamente no momento de grandes transformações no ensino e na profissão da arquitetura, permeando como aluna pelas diferentes metodologias aplicadas nas reestruturações do curso.

Ao confrontarmos as poucas pistas encontradas sobre a vida discente de Giuseppina Pirro e os vários relatos sobre a trajetória da instituição nesses anos, vemos então que o apagamento historiográfico das arquitetas já está presente nos primeiros anos de inserção de suas formações profissionais, seja na ENBA, seja em outras instituições de ensino da arquitetura país afora. Nesse sentido, tentemos, então, esboçar a rede de sociabilidade de Giuseppina nesse período de formação acadêmica, que muito revela sobre suas equipes e colaborações profissionais nos próximos anos.

A lista dos colegas de turma, destacada em um recorte de jornal (FIG. 2), é composta pelos seguintes formandos: Antonio Pedro

de Sousa Silva, Ariberto Pereira da Cunha, Arnald Pereira Batista, Carlos da Silva Guimarães Junior, David Galer, Djalma da Silva Guimarães, Edmo Costa de Sousa Aguiar, Flavio d'Aquino, Francisco de Paula Lemos Bolonha, José Eiras Pinheiro, José Osvaldo Henriques Ferreira da Costa, Julio Pilsudaki, Leslie Richard Inke, Luiz Antonio Rodrigues Pereira, Lygia Fernandes, Mauro Ribeiro Viegas, Paulo Arnaldo da Cunha, Paulo Braga Lopes e Pedro Eriel Cileno (NOVA TURMA, 1945). Alguns desses nomes, com destaque para Francisco Bolonha e Lygia Fernandes, sua única colega mulher, serão importantes ao longo da carreira de Giuseppina, pela parceria em projetos e mesmo em outros momentos, como em sua atuação no Instituto dos Arquitetos do Brasil e no corpo editorial de revistas especializadas.

É evidente que o campo arquitetônico, que ainda consolidava o ensino autônomo de arquitetura, a prática do arquiteto tal como ainda a conhecemos, bem como o restante das esferas públicas da sociedade, sobretudo as de maior poder, eram caracterizados pela predominância da figura masculina — o que fica explícito quando encontramos apenas duas mulheres listadas em uma turma de vinte formandos em arquitetura: Pirro e Fernandes.

No Brasil, nos anos de 1940, embora cada vez mais numerosa, a inserção das mulheres no campo arquitetônico era ainda lenta e permeada por incompreensões masculinas enraizadas na sociedade e, de acordo com Sá (2010, p.28), apesar de tais questões culturais, os fatos indicam que não havia impedimentos legais para o ingresso das mulheres no campo arquitetônico no Brasil, ao contrário de outros cenários nacionais que vedavam esse acesso sobretudo ao restringirem os espaços de formação.

Se olharmos para o campo tal como nos sugere Gwendolyn Wright (2007), como um sistema com mecanismos de poder, hierarquia e certo conservadorismo, é possível compreender que o autoritarismo mitificado dentro da arquitetura, e reforçado por suas instituições, ilumina por si só a pouca quantidade de mulheres no campo e a ausência de um destaque feminino considerado significativo. Talvez, inconscientemente, mas partindo da veneração do homem arquiteto e da determinação de um gênio, o

cade-
mem-
a.
LE-
Bra-
a em
imcn-
, no
ento.
micos
ranio
neiro,
espe-

OLUB
be de
ós a
pela
ou o
rade-
e lhe
ando,
médi-
o dia,
lo fez
quadro
e o
Great
da do
costu-
prof.
tema
o di-
ara o
espe-
siais.
testio-
en?''
entes,
' so-
retadc
e Pi-
..
resen-
Gut-

FIG. 2:

Recorte do jornal "Diário de Notícias" de 5 de dezembro de 1945, informando a formatura da turma de Giuseppina Pirro na Faculdade Nacional de Arquitetura.

Fonte: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA.

campo profissional e a historiografia da arquitetura passam a ignorar a atuação individual feminina e a colaboração, construindo a segregação entre "os grandes arquitetos e as mulheres arquitetas, como se fossem esferas diferentes" (WRIGHT, 2007, p.2, tradução nossa). A invisibilidade feminina parte, no caso de Giuseppina, já da grande ausência de mulheres nas universidades, e, mais especificamente, nos cursos de arquitetura, naquele momento. Além disso, as poucas arquitetas formadas, mesmo que muito atuantes, como será apontado nos próximos tópicos, não foram consideradas pela historiografia por algum tempo e somente atualmente vêm tendo suas trajetórias exploradas.

E se não fosse suficiente a dificuldade do gênero feminino no campo da arquitetura, para uma mulher imigrante a situação pode ter sido ainda mais delicada. Ainda na graduação, Giuseppina deu entrada em seu processo de naturalização como brasileira, a garantia de que sua vida teria continuidade no Brasil. Entretanto, no ano de 1941, o Ministério da Justiça deu por indeferida a sua solicitação de cidadania

Cr\$ 2,00 (correspondentes aos dois primeiros documentos juntados).

O exame constará das seguintes matérias: Português, Aritmética, Geografia do Brasil e História do Brasil (provas escrita e oral).

Os interessados serão atendidos diariamente, das 11 às 17 horas, exceto aos sábados, quando o serviço de admissão funcionará das 9 às 12 horas.

Nova turma de arquitetos

Os arquitetos da turma de 1945, diplomados pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, colarão grau em cerimônia a realizar-se no auditório do Ministério da Educação, às 20.30 horas do dia 7 de corrente. Nesse dia, às 10.30 horas, farão os doutorandos celebrar missa em ação de graças, na Igreja da Candelaria. A turma de 1945 da Faculdade Nacional de Arquitetura é a seguinte: Antonio Pedro de Sousa Silva, Alberto Pereira da Cunha, Arnaldo Pereira Batista, Carlos da Silva Guimarães Junior, David Galer, Djalma da Silva Guimarães, Edmo Costa de Sousa Agular, Flavio d'Aquino, Francisco de Paula Lemos Bolonha, Giuseppina Pirro, José Eiras Pinheiro, José Osvaldo Henriques Ferreira da Costa, Julio Pilsudaki, Leslie Richard Inke, Luiz Antonio Rodrigues Pereira, Ligia Fernandes, Mauro Ribeiro Viegas, Paulo Arnaldo da Cunha, Paulo Braga Lopes e Pedro Eziel Cileno.

"Como vê você Paris libertada?"

A ENTREGA DOS PREMIOS

Comunicam-nos:

HIGIE

— CARI de Educ: Educação segunda Educação Carlos S nista br lestras A. B. E to, para duais. E dendo 2f tribuldos modfica

**Reco-
tabel**

Dispon-
ção prev
reconhec
ensino c
tituto c
Educação
nou um
no "Dia

**Dr.
M É**

Rua
Largo

Dr.

Da Colo

e somente em 1944, finalmente, teve sua naturalização autorizada e completa. Apesar da complexidade do processo, negado uma vez, Giuseppina conseguiu sua cidadania brasileira antes mesmo de sua formatura. Diferentemente de arquitetos estrangeiros, no caso da arquiteta, não existem dados que comprovem que sua busca pela naturalização tenha sido efetivamente pela profissão. Acredita-se, portanto, que por um lado o pedido de cidadania brasileira foi solicitado, ainda na graduação, a fim de garantir o direito de exercer a profissão de arquiteta no Brasil; por outro, Giuseppina já tinha constituído uma vida no Brasil na década de 1940 e, para além de sua profissão, a cidadania brasileira também seria importante. Em 1945, portanto, a italiana Giuseppina, naturalizada brasileira, se formou arquiteta.

2. GIUSEPPINA E AS INSTITUIÇÕES

Como já comentado, esperava-se que parte significativa das mulheres nesse período teriam sua trajetória voltada para

áreas, naquele momento, consideradas mais poéticas e femininas. Autoras como Antunes (2012) e Wright (2007) pautam-se em um discurso sobre como a arquitetura moderna manteve seu discurso sob domínio da masculinidade (com o papel de protagonismo), no qual o feminino se posiciona em lugar de subordinação, em sua grande maioria, como uma colaboração e não em seu lugar de autoria. A figura masculina, no entanto, mantinha-se uma posição mítica de "gênio" e pautando-se, de certa forma, em uma restrição do pensamento criativo como resultado de um único indivíduo, que desconsidera e desvaloriza as redes de produção de projeto, formalizadas ou não, e as colaborações. Curiosamente, apesar de tal desvalorização, evidencia-se no discurso corrente que um bom trabalho de arquitetura sempre prossegue por meio de colaboração. Ainda que a historiografia nos faça questionar, a atuação de Giuseppina Pirro nada teve de invisível. Pelo contrário, Giuseppina, ao longo de sua trajetória, teve uma atuação plural, que não se limitava a apenas projetar e sim, às discussões e ensino da profissão.

No processo de difusão de um novo ideário profissional, muito associado à perspectiva modernista, a imprensa especializada em arquitetura exerceu papel central, estabelecendo caminhos da relação entre arquitetos e sociedade, entre os próprios arquitetos, assumindo-se como espaços de divulgação de ideias e projetos, de discussões e de difusão de valores arquitetônicos.

Wright (2007) afirma que, se de um lado as revistas mais populares por muito tempo foram banalizadas por arquitetos nas discussões do campo, por outro eram nelas que, sobretudo, mulheres estavam atuando como jornalistas e membros de corpo editorial, publicando artigos e veiculando suas ideias sobre arquitetura. Era muito comum, por exemplo, que mulheres arquitetas estivessem frequentemente presentes no jornalismo — especialmente o especializado em arquitetura, seja ele nacional ou internacional. Por se tratar de uma atuação ainda pouco estudada, o que banalizou significativamente a atuação dos profissionais dessa área, esta uma frente de trabalho foi talvez julgada como menor ou insignificante.

O primeiro indício da atuação de Giuseppina em revistas aparece em julho de 1944, quando a arquiteta ainda cursava a Escola Nacional de Belas Artes. Na edição 62 da "Revista de Arquitetura", ela está listada como membro de seu conselho técnico, ao lado de Aluísio Santos Pinto, Eugênio Proença Sigaud, Lygia Fernandes, Moacyr Fraga, Paulo Thedin Barreto, Paulo Santos, Rafael Galvão, S. Batalha. A Revista de Arquitetura iniciou suas atividades em 1934, como um periódico do diretório estudantil da ENBA, cujo objetivo era promover a regulamentação da profissão no Brasil através da "divulgação do trabalho do profissional liberal, aquele que nem assina o ponto nem trabalha para o construtor" (RABELO, 2011, p.135). A característica acadêmica da revista permite um olhar ampliado para o campo profissional, ao destacar a heterogeneidade da produção carioca, dando voz a arquitetos, já legitimados ou não. Giuseppina segue como membro do conselho técnico até a edição nº 9, de julho e agosto de 1945, e somente será citada novamente na edição nº 80, em 1947, agora na apresentação do projeto para o concurso da sede do Jôquei Clube Brasileiro, de autoria de Pirro, Bolonha, Barros Correia e Fernandes, colegas de faculdade e parceiros de trabalho nesse período imediatamente após a formatura.

Simultaneamente, Giuseppina atuou como membro do conselho editorial da revista "A Casa", do nº 245 de outubro de 1944 ao nº 249, do mesmo ano. De acordo com Rabelo (2011, p.131), o periódico foi fundado em 1923 e teve textos publicados até 1949. O corpo editorial da revista era bastante similar aos membros da "Revista de Arquitetura", tendo, além de Giuseppina, Alfredo Galvão, Angelo Bruhns, Benjamin da Cunha, Eugênio Proença Sigaud, Georgina de Albuquerque, Lygia Fernandes, Moacyr Fraga, Rafael Galvão e S. Batalha. Apesar do título "A Casa", em uma tentativa de apresentar múltiplos estilos arquitetônicos, a revista teve um público plural e não somente profissionais da arquitetura, tendo assim o objetivo, bem como outras similares, de referenciar estilos arquitetônicos, além de apresentar as novas técnicas construtivas ou tecnologias domésticas. Ainda de acordo com Rabelo (2011, p.132), afirma-se o enfoque da revista

na ilustração de obras, sem um debruçar em debates teóricos.

Giuseppina Pirro também atuou como correspondente internacional da revista francesa *L'Architecture D'aujourd'hui*, talvez um dos periódicos de maior circulação entre as revistas de arquitetura no período, dedicado a "difundir as obras de arquitetura moderna no plano internacional assim como o debate sobre elas" (ROLDAN, 2018, p.83). A revista foi fundada em 1930 pelos engenheiros André Bloc e Marcel Eugène Cahen, enquanto acontecia a organização do primeiro Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), em 1928, contando desde o início com um grupo de jovens arquitetos e intelectuais como conselho editorial e com correspondentes internacionais de diversos países, sobretudo aqueles que haviam tido parte de sua formação na França antes de retornar a seus países. De acordo com Roldan (2018), após o ano de 1945, a rede de correspondentes internacionais foi ampliada significativamente, compreendendo não somente países europeus, Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mas também países africanos e latino-americanos. Registros disponíveis nos boletins circulares divulgados mensalmente pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) da década de 1950, apontam a atuação de Giuseppina como membro dessa rede de correspondentes internacionais, na qual operava na intermediação de coleta de dados e projetos para publicação na revista.

Curiosamente, sobre a atuação de Pirro nos dois primeiros periódicos citados, apesar de não obtermos comprovações, há a hipótese de que sua breve passagem se deve à sua trajetória plural, ramificada em diferentes áreas do campo. Por outro lado, é possível pensarmos que este foi um processo de evolução e experiências de aprendizados em revistas menores, já que, no futuro, Giuseppina seguiria para uma revista de âmbito internacional, e sua permanência seria ainda maior. Após sua saída, porém, os periódicos "A Casa" e "Revista de Arquitetura" tornaram-se ainda mais alinhados ao pensamento moderno, o que pode significar certo processo de crescimento simultâneo ao ideário brasileiro da arquitetura, tanto dos periódicos, quanto da própria trajetória de Giuseppina.

Durante os levantamentos da relação de Giuseppina Pirro com o IAB, a primeira associação entre os dois nomes aparece no jornal "A Noite", em 1946, quando Giuseppina, ao lado da arquiteta Maria Adelaide Rabelo Albano, recebeu o "Prêmio Instituto dos Arquitetos do Brasil". A razão do prêmio, no entanto, não era especificada, o que tampouco pôde ser esclarecido nos materiais até agora consultados do IAB. De todo modo, é muito provável que tenha sido um fato importante para a trajetória de Giuseppina, que, naquele momento, era uma arquiteta recém-formada.

A década de 1940 foi marcada pela politização intra e extradisciplinar, tanto na esfera pessoal como coletiva. O Instituto dos Arquitetos do Brasil, que antes, para além da pauta da defesa da profissão, buscava apenas debater o futuro da arquitetura do ponto de vista da linguagem, passou a se posicionar politicamente em defesa da democracia, contrapondo-se à ditadura varguista que se fortalecia naquele momento, relacionando diretamente as práticas do campo profissional aos debates políticos. Os novos debates vieram associados à fundação de departamentos estaduais do instituto, ou seja, as discussões que antes pautavam-se em uma perspectiva nacional passaram a se concentrar dentro dos departamentos de cada estado, ainda que relacionados à ideia de uma rede de arquitetos do país.

E, logo em 1949, Giuseppina foi citada no jornal "Correio da Manhã" por ter feito parte do grupo de arquitetos que, às vésperas das eleições para o novo Conselho Diretor e Fiscal do IAB, assinaram o "Manifesto aos Arquitetos" – que contava com a declaração de alguns profissionais brasileiros com o objetivo de defender abertamente a direção vigente do IAB dos ataques do grupo concorrente. Esse dado pode ser compreendido como um esboço do que pode ser o posicionamento político de Giuseppina e, embora muito vago e pouco explícito, indica o posicionamento da arquiteta em defesa de um regime democrático e ao lado dos que defendiam a arquitetura como elemento de construção político social.

Finalmente, no início da década de 1950, Giuseppina dá início à sua trajetória como membro dos conselhos diretor e fiscal

do Instituto dos Arquitetos do Brasil. De acordo com um levantamento realizado dos conselhos do IAB, Dedecca (2018, p.514) aponta a primeira aparição de Giuseppina Pirro como membro do conselho fiscal, a priori, ao lado de Hermínio de Andrade e Silva e Rino Levi, entre os anos de 1951 e 1952 e, nas duas gestões seguintes que perduram entre 1952 e 1954, Giuseppina mais uma vez está presente, agora como membro do conselho diretor. A atuação mais intensa de Pirro ocorre justamente nas duas últimas gestões, onde é citada em alguns eventos do instituto, como em 1953, quando Giuseppina é citada como presidente da Comissão de Congressos e Exposições de Âmbito Nacional do IAB (Vida Cultural: Congressos, 25 out. 1953). No mesmo ano, também atuou como membro da comissão organizadora da II Bienal de Arquitetura, sendo a única mulher em meio aos outros integrantes da organização.

O protagonismo de Giuseppina à frente das comissões e gestões do IAB são claras o suficiente para que possamos enxergar a raridade de atuações femininas nos espaços de gestão do IAB. De acordo com a listagem elaborada por Dedecca (2018) sobre as gestões do IAB a partir do ano de 1924, Giuseppina aparece como a primeira mulher a compor uma equipe gestora do instituto — aparecendo pela primeira vez em 1951 — e sendo, portanto, a única figura feminina desta e das seguintes gestões até 1954. Dali em diante, poucas, mas cada vez mais significativamente mulheres apareceriam como membros; na listagem, porém, vemos Lygia Fernandes ocupando o mesmo cargo de Pirro, na gestão sucessora à de 1953-1954.

A relação de Giuseppina com os congressos e eventos de arquitetura, nacional e internacionalmente, é uma das facetas de sua atuação no Instituto dos Arquitetos do Brasil. Giuseppina, ao lado de Sebastião Almeida Pocinhos,¹ participa da fundação da União Internacional de Arquitetos (UIA), no seu primeiro congresso realizado em Lausanne, em 1948. A ata do evento, bem como uma nota no jornal "Correio da Manhã" apontam que os dois eram os únicos membros de uma delegação que representaria o Brasil no congresso. Vale lembrar que, mesmo os dois sendo associados ao IAB, estavam inscritos como congressistas individuais, indicando que

o Instituto ainda não era filiado à União (DEDECCA, 2018, p.340). O I Congresso tinha o objetivo de dialogar com três temas principais sobre a arquitetura moderna: o arquiteto e o urbanismo; o arquiteto e a industrialização da construção; o arquiteto, o Estado e a sociedade.

Não se sabe exatamente os motivos de Giuseppina ter sido a representante do IAB no evento, entretanto, podemos notar que os temas a serem debatidos eram coincidentes com os seus interesses de atuação no campo arquitetônico. A nota em jornal, porém, sugere (mas não afirma) que a escolha da representante possa ter sido efetuada pela Comissão Organizadora de Representações Brasileiras, talvez do IAB, já que estava à frente destes debates. Há a hipótese que essa também tenha sido a responsável pelos custos da viagem, afinal, o deslocamento para a Europa naquele momento exigia um grande esforço financeiro. A mesma nota sugere que Pirro e Pocinhos, ao lado de Nestor Egydio de Figueiredo, Eduardo Kneese de Mello, Alberto Monteiro de Carvalho e Olavo Egydio de Souza Aranha, participariam do XIX Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo, realizado um pouco antes do evento da UIA, em Zurique (XIX CONGRESSO, 1948) — mas, diferentemente do I Congresso da UIA, não é possível afirmar se, de fato, estiveram presentes.

Após as eleições de 1952 no departamento nacional do IAB, Giuseppina, além de ingressar como membro do conselho diretor em 1953, também assume a presidência da Comissão de Congressos e Exposições de Âmbito Nacional do IAB (VIDA CULTURAL, 1953). Sua experiência como membro das delegações brasileiras em congressos internacionais pode ter sido essencial para a escolha da arquiteta para os cargos a ela delegados nas gestões do IAB.

Esta atuação no IAB incorporou a presença da arquiteta nos Congressos Brasileiros de Arquitetura (CBA), visto que segundo os anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetura, ocorrido em janeiro de 1954, Giuseppina teria atuado como representante do estado do Rio de Janeiro e como 2ª secretária da comissão executiva. Questiona-se, então, se Giuseppina ainda era presidente da Comissão de Congressos e Exposições de Âmbito Nacional do IAB neste momento: apesar de sequer ser

apontada nos registros do evento com tal cargo, todas as atas escritas nos anais do IV CBA são assinadas por Giuseppina Pirro, o que pode decorrer de seu posto como secretária. O evento, ocorrido na sede do IAB em São Paulo, contou com a presença de arquitetos estrangeiros de grande renome e os debates variaram em dois eixos principais: "a arquitetura no Brasil" e "o urbanismo no Brasil".

É possível até observar que os temas debatidos nesses congressos são muito perceptíveis ao longo da trajetória da arquiteta, sobretudo na discussão sobre arquitetura. Ou seja, tais suposições podem ser relacionadas aos diálogos sobre o modo de construir, pautados também nos congressos. Além disso, a relação institucional de Giuseppina, não apenas aquelas que apontamos até o momento, mas também as que ainda serão apresentadas, podem nos ajudar a entender como alguns temas — como a atuação profissional, a construção e a industrialização, a modernização da construção civil a relação entre arquiteto e sociedade; e até mesmo as diversas frentes teóricas propostas pelos arquitetos — atravessam a sua trajetória. Afinal, nos parece que a atuação profissional da arquiteta dialoga muito com as pautas e os modos de atuar vigentes no campo, predominantemente masculino, da arquitetura.

É necessário dizer que, apesar das limitações explícitas ou não declaradas à atuação da mulher em diversos fazeres profissionais da arquitetura, não havia mais, naquele momento, qualquer regra que determinasse tal fato. Antes da formação de Giuseppina, havia um impedimento não em legislação, mas sim social de que mulheres cursassem arquitetura. Até 1962 estava em vigor o Art. 242 do Código Civil de 1916, que proibia mulheres de exercer a profissão sem o consentimento de seu marido, ou seja, podemos supor que os estudos seguiriam o mesmo pensamento social, afinal, o pensamento da sociedade resumia-se na submissão feminina às figuras masculinas e na função social da mulher apenas como reprodutora e dona de casa (STRATIGAKOS, 2016). Tratava-se de um modo de operação do campo, mas que ele em si estava sujeito a ser alterado conforme novas trajetórias o alargassem. Giuseppina é um claro exemplo.

De fato, a arquiteta parece assumir um lugar um tanto pioneiro em relação ao modo como organiza a sua atuação no meio profissional, mas deve-se sempre lembrar que o pioneirismo da presença de mulheres dentro da arquitetura tem como figura principal a arquiteta Arlinda da Cruz Sobral — quem é entendida, até o momento, como a "primeira" mulher formada na profissão pela ainda chamada Escola Nacional de Belas Artes. Os dados recentemente descobertos pela pesquisadora Camila Almeida Belarmino (2022, p.4) apontam que a arquiteta foi diplomada em 1905 e teve sua colação de grau noticiada nos periódicos da época no ano de 1906. Não tendo relatos de outras mulheres diplomadas antes de Sobral, ter sua figura associada ao pioneirismo da inserção feminina na profissão abre caminhos para a compreensão de como sucedeu-se a presença de mulheres nos cursos de arquitetura e no próprio campo profissional. Consideremos ainda que, em uma relação entre os anos de formação de Sobral e Pirro, podemos brevemente analisar qual foi a evolução dessa presença em números: se em 1905 tivemos a primeira arquiteta diplomada no Brasil, mesmo quarenta anos depois, em 1945, temos uma nova turma do mesmo curso com apenas duas novas arquitetas se diplomando — Giuseppina Pirro e Lygia Fernandes. Os números podem refletir um lento processo para que as turmas se contemplassem com a presença de mais de uma mulher diplomada por turma, mas talvez seja fantasioso exigir — ou mesmo sugerir — uma atitude oposta de uma época em que as mulheres seguiam lutando ainda por direitos básicos dentro da própria sociedade.

Apesar de não existirem registros que comprovem um diálogo entre Pirro e o feminismo, ao se dirigir às áreas da construção civil, projeto de estruturas e diálogo direto com as instituições, Giuseppina assume uma posição de enfrentamento cordial aos que, naquele momento, ainda impunham divisões entre atuações femininas e masculinas e, mais do que isso, entre as trajetórias que alçavam ou não um lugar de legitimação entre seus pares. Mais ainda, Giuseppina, nesses congressos e em pautas internas ao próprio IAB, discute temas da regulamentação

profissional e dos caminhos da arquitetura e da área como um todo, com a mesma propriedade que seus colegas do gênero masculino. No entanto, não é possível saber se alçava entre eles um lugar de semelhante. Pela ausência de elementos que esclareçam qual era seu lugar entre seus pares e colegas de profissão, cabenos, então, questionar os porquês das sobreposições de vozes masculinas e concluir, novamente, que Giuseppina não estava invisível, mas, sim, sua trajetória, assim como as de muitas outras arquitetas ao redor do mundo, foi obscurecida diante do mito do gênio masculino dentro de seu tempo e dos grandes guias da arquitetura nacional.

Se em 1945, Giuseppina se formou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA-UB), poucos anos depois voltou à instituição como docente. A atuação da arquiteta, como já destacado, se distanciou da realidade de muitas outras arquitetas do mesmo período ao se aproximar de espaços profissionais voltados para as áreas exatas, como a utilização da matemática na arquitetura, especialmente na cátedra de geometria descritiva. É um interesse que surge ainda na universidade, o que pode ser evidenciado por uma breve nota encontrada de 1941, na edição 247 da "Revista Vamos Ler!", que aponta a participação de Giuseppina em um concurso de matemática no qual solucionou um enigma matemático com grande destaque (MATEMÁTICA, 1941), ou mesmo em 1946, quando, já formada, é convidada a desenhar gráficos explicativos para a publicação de um estudo no periódico "O Brazil-Medico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia" (CARVALHO, 1946, p.213).

Registros levantados ao longo da pesquisa apontam que, em 1947, Giuseppina atuava, ao lado de Maria Adelaide Rabelo Albano, como professora assistente da cátedra de geometria descritiva, comandada pelo professor Álvaro José Rodrigues. É justamente nesse momento que o professor dava entrada em seu processo de aposentadoria e a cátedra seria, então, disputada entre as duas professoras assistentes (NOSSOS, 1948). Ao abrir o concurso, as duas candidatas apresentam uma tese de provimento de cátedra. A tese apresentada por Giuseppina

recebeu o nome de "Método Denise-Gastão Gomes: no estudo das seções cônicas e na aplicação à arquitetura"² e apresentava uma análise do método proposto pelo geômetra e professor aposentado da cátedra de geometria descritiva da FNA-UB, Álvaro José Rodrigues, e as "relações entre a figura objetiva do espaço e sua imagem ou representação plana" (PIRRO, 1948, s.p.). Ao longo dos anos, seu estudo foi utilizado como referência para outras teses e está disponível para consulta na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e no Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP). Ou seja, vemos que a importância de sua trajetória como acadêmica vai além do campo arquitetônico, alçando inclusive o diálogo com a matemática.

Ou seja, é possível notar a intenção de entrelaçamento entre suas áreas de atuação. Como projetista, Giuseppina pensa, ou representa, os espaços de maneira lógica e matemática, obtendo resultados nitidamente interligados aos seus conhecimentos da geometria descritiva. O concurso teve seu resultado divulgado somente em 1950, também publicado em nota no jornal carioca "Correio da Manhã", no qual Maria Adelaide Albano ganhou o primeiro lugar e à Giuseppina foi outorgado o título de livre docente (ENSINO, 1950). Assim, Pirro, mantendo uma firme parceria com a titular da disciplina, permaneceu sendo professora assistente até data por enquanto desconhecida.

O tema da presença feminina na Escola Nacional de Belas Artes, porém, já estava sendo discutido neste momento em que Pirro se encontrava como professora assistente da Escola Nacional de Belas Artes. Neste mesmo período, em 1948, o periódico carioca "Revista da Semana" apresenta a presença feminina dentro da Escola Nacional de Belas Artes — indicando Giuseppina como uma das professoras assistentes da Faculdade Nacional de Arquitetura e desconsiderando, porém, que ambas instituições já eram desvinculadas no momento — na matéria lê-se "70% dos alunos da Escola Nacional de Belas Artes são mulheres". O texto, além de citar as alunas e professoras, questiona a maneira como era recente a presença feminina dentro de seu campo de atuação, sobretudo

nas artes plásticas. Uma estatística que vai de encontro ao que a história da arte e da arquitetura aos poucos vêm consolidando: apesar de desacreditadas pelas figuras masculinas das instituições artísticas, como a ENBA, as mulheres tiveram papel fundamental na formação do campo artístico do Brasil.

É preciso pensar que, para as mulheres que gostariam de lecionar na ENBA, o passo era ainda maior e mais árduo: poderia uma mulher ter competência suficiente para lecionar para homens? Talvez, hoje, a resposta sequer precisaria ser escrita, mas naquele momento, em uma universidade cuja porcentagem dos alunos era majoritariamente feminina e que a primeira mulher a lecionar surgiu anos depois de ser inaugurada, foi necessário que um jornal viesse a público fazer um apelo para que pais, irmãos e, sobretudo, maridos dessem liberdade às mulheres que gostariam apenas de exercer uma profissão e seguir a carreira artística. A própria reportagem deixa claro que alcançar a docência era uma grande barreira a ser vencida pelas mulheres.

Isto posto, fica evidente que naquele momento já havia a preocupação com a liberdade feminina dentro do campo profissional, preocupação que parte, obviamente, do incômodo de quem de fato sofreu com certa opressão: as mulheres.

Foi somente em 1935 que ocorreu um fato visto como uma grande vitória para as mulheres que ali se formavam: a pintora Dinorah Simas Enéas pôde então ser a primeira mulher a lecionar em uma cátedra da ENBA, abrindo o caminho para que, em 1948, fossem oito as professoras universitárias (assistentes e titulares). São elas: Maria Adelaide Albano, Georgina de Albuquerque, Celita Vaccani, Cordélia Eloy Navarro, Dulce Horta Barbosa, Maria Dulce Machado, Giuseppina Pirro e Diana Barbieri.³

UM PEDIDO DAS MULHERES AOS MARIDOS: Nessa reportagem nós ouvimos dezenas de artistas. Homens, mulheres, estudantes, veteranos. Cremos estar interpretando o pensamento de todos quando dirigimos este apelo aos maridos. Sim, principalmente aos maridos, porque são eles que perturbam, impedem e sacrificam muitas vezes a carreira artística da jovem esposa. O

desenvolvimento das artes plásticas é propagação de cultura e, de qualquer forma, esses maridos ciumentos, retrógrados, egoístas e obtusos estão prejudicando a coletividade. O apelo das estudantes dirige-se principalmente aos noivos. Por favor, mocinhos desconfiados, peça a pequena em casamento, mas não imponham condições a respeito do abandono da pintura. Sejam os primeiros a incentivá-las e não criem complexos de inferioridade ante a glória da noiva ou da esposa. (70% DOS ALUNOS, 1948, p.50)

Por fim, notas no periódico carioca "O Jornal", de 1954, citam dois cursos ministrados por Giuseppina na FNA-UB no mesmo ano. Ambos são disciplinas de extensão da cátedra de Desenho. Entretanto, não se tem outros conhecimentos de como foi a atuação de Giuseppina Pirro em sala de aula, nem quando essa atuação terminou e por que terminou. Registros mais recentes da UFRJ apontam seu nome como membro docente ativo até meados da década de 1970.

3. PINA E JORGE MOREIRA: AS QUASE INSEPARÁVEIS PARTILHAS AFETIVAS E ARQUITETÔNICAS

Diante do cenário em que o papel social da mulher aos poucos enfrentava o conservadorismo e abria espaço para um novo esboço de figura feminina, as mulheres tornam-se cada vez mais presentes nos campos profissionais e veem-se enfrentando uma dicotomia entre sua atividade profissional e a vida doméstica, abandonando aos poucos os padrões de figura feminina estipulada pela sociedade. Paralelamente, no campo arquitetônico, transcrevem-se os desafios de articular os contrastes da arquitetura, em sua estética e técnica, de associar a vida doméstica com a profissão, sendo ela delimitadora de muito esforço e tempo, e da necessidade de associar o tempo social, profissional e doméstico (SÁ, 2010).

A arquitetura por ela mesma já se integra amplamente em um aspecto de profissão em seu sentido mais literal, como um ato de ensinar, na ideia de renunciar a todo o resto para dedicação total à profissão, excluindo quaisquer tentativas

de conciliação com o cotidiano familiar e social. A ideia de uma profissão à qual se dedica puramente por amor se reflete na ideia do peso da vida doméstica que recai sobre a figura feminina. Ao longo dos anos, talvez simultaneamente ao ingresso de Giuseppina na arquitetura, as mulheres tornavam-se cada vez mais próximas da vida pública, assumindo carreiras fora do lar e do casamento, tornando-se profissionais tão importantes quanto seus companheiros — se os quisessem. Assim, podemos pensar como seria possível considerar que uma mulher atuasse como arquiteta enquanto cuidava dos filhos, da casa e de seu companheiro de vida. À medida que essas mulheres se tornavam mais independentes, as desigualdades seguiam aparecendo e tornando-se cada vez mais visíveis. Podemos refletir este dado como um dos motes para que a integração feminina na arquitetura tenha tido um processo vagaroso.

No caso de Giuseppina, sendo ela uma das poucas mulheres em sua turma de graduação, nas instituições em que atuou e até mesmo em seu espaço de trabalho, além de considerar casos de tantas outras arquitetas que compartilharam suas trajetórias com parceiros de vida, não podemos deixar de aproximar o olhar para a vida matrimonial da arquiteta. Giuseppina não foi mãe, diferenciando-se de boa parte das mulheres arquitetas daquele momento, já que não tinha a maternidade como um dos desafios de conciliar a profissão e a vida doméstica. Mas, como veremos adiante, sua vida na arquitetura se entrelaçou fortemente com a vida íntima, ao casar-se com um dos nomes destacados na historiografia moderna brasileira: Jorge Moreira. Como tentativa de compreender as nuances entre os relacionamentos profissionais e afetivos de duas personas unidas pela arquitetura e que compartilharam a vida pessoal, Giuseppina e Jorge. Para esta aproximação enfocamos não só em algumas bibliografias de referência, mas também memórias afetivas gentilmente compartilhadas pelo amigo do casal, Adir Ben Kauss, e pela amiga e parceira de trabalho de Giuseppina, a arquiteta Adele Weber Moura.

Filho de pais gaúchos, Jorge Machado Moreira nasceu em Paris em 1904 e ainda muito cedo chegou ao Brasil para então ser criado no Rio Grande de Sul. Jorge deu início

a sua trajetória acadêmica em Montevideu, no Uruguai, onde começou a cursar arquitetura. Em 1927, Jorge se transferiu para o tradicional curso da ENBA e formou-se em 1932 (CONDURU, apud CZAJKOWSKI, 1999, p.14). Apesar de ter presenciado o desenvolvimento do movimento art nouveau e a divulgação do neocolonial no âmbito carioca, seus interesses centravam-se, sobretudo, nas produções modernistas. Embora sua legitimação como arquiteto se deu tempos depois, a jornada profissional de Jorge Moreira se inicia logo após a conclusão do curso de arquitetura, quando é contratado como Diretor de Arquitetura pela Construtora Baerlein. Nesse cargo, apesar de sua adesão ao novo estilo arquitetônico, precisou mobilizar a linguagem neocolonial seguindo a demanda da própria construtora (CONDURU, apud CZAJKOWSKI, 1999, p.15). Simultaneamente à sua atuação na construtora Baerlein, de acordo com Conduru (CZAJKOWSKI, 1999), o arquiteto também participou de concursos de projetos arquitetônicos, como suas propostas para a sede da Prefeitura de Belo Horizonte e para o Ministério da Educação e Saúde Pública, ambas de 1935.

O Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB) foi um órgão criado com o intuito de realizar planejamento e obras da Cidade Universitária (FIG. 3). Tem-se o conhecimento que em 1949 Jorge Moreira foi convidado para atuar como arquiteto-chefe, tendo a função de chefiar o projeto e as obras do campus. Jorge colocou como única exigência para assumir o cargo que tivesse a liberdade de escolha da equipe que colaboraria com o projeto, portanto, com os seguintes profissionais: Aldary Henriques de Toledo, Orlando Magdalena, João Henrique Rocha, Donato Mello Jr., Adele Weber, Renato Sá, Elias Kauffman, Arlindo Gomes, João Corrêa Lima, Asthor Roris, Norma Albuquerque, Otavio Moraes, Carlos Alberto Boudet, Conceição Penna, Jorge Passos, Paulo Souza, Renato Sá Jr., Paulo Sá e Giuseppina Pirro. Mais uma vez, é possível notar que, entre os vinte arquitetos que atuaram no ETUB, apenas quatro eram mulheres.

Sabendo que, a partir de 1948, Giuseppina atuava como professora assistente da FNA-UB, podemos pressupor que a atuação da arquiteta no ETUB ocorreu simultaneamente à sua trajetória como acadêmica. Não se sabe ao certo até



FIG. 3:

Vista aérea do conjunto de Ilhas do Fundão, onde seria implantada a Cidade Universitária.

Fonte: CZAJKOWSKI, 1999, p.131.

quando Giuseppina Pirro atuou no ETUB, mas exatamente em todos os projetos realizados por Jorge dentro do escritório, Giuseppina estava presente na equipe. A atuação de Jorge no ETUB, portanto, permaneceu até o ano de 1962, onde pôde chefiar a elaboração de todo o campus da Universidade do Brasil, incluindo doze edifícios internos e o detalhamento de cinco destes que foram, de fato, construídos (CONDURU apud CZAJKOWSKI, 1999, p.19).

Na historiografia sobre Jorge Moreira, pouco se lê sobre Giuseppina Pirro. Apesar disso, o pouco existente revela uma relação afetiva e aparentemente bastante reservada entre os dois arquitetos. Em entrevista realizada pela autora, Kauss (2021) sugere que Jorge e Giuseppina se conheceram através do trabalho no ETUB. Assim, nos questionamos se a arquiteta já possuía certa relação com o escritório quando Jorge tornou-se arquiteto-chefe.

Giuseppina era uma mulher jovem quando conheceu Jorge. Tinha 28 anos, enquanto Jorge estava com 45 anos completos. "O Jorge era um solteirão" (KAUSS, 2021, s.p.), que, partindo de uma suposição aqui levantada, tão focado na

sua produção arquitetônica talvez só tenha se importado em criar uma relação afetiva quando já estivesse mais maduro. Então, levanta-se a reflexão sobre a liberdade, partindo do ponto de vista da sociedade daquela época, que um homem tinha para se relacionar "tardiamente", enquanto uma mulher sempre era incentivada a casar o quanto antes, independentemente de sua posição enquanto profissional. Naquele momento, também era muito comum relacionamentos entre mulheres mais jovens e homens mais velhos, talvez isso justifique a diferença de idade entre Giuseppina e Jorge. Ainda que não colocando em questão de que se tratava de um relacionamento eletivo, no qual operavam sentimentos românticos, mas sim enxergando a diferença de idade a partir do ponto de vista feminista, também é possível levantar uma possível hipótese acerca da dominação masculina. Afinal, era e é muito comum que homens se apropriem de mulheres mais jovens e "inexperientes", buscando a facilidade de certa manipulação e mesmo da dominação.

Ainda que tenha que ser mobilizado com certo distanciamento, o relato de

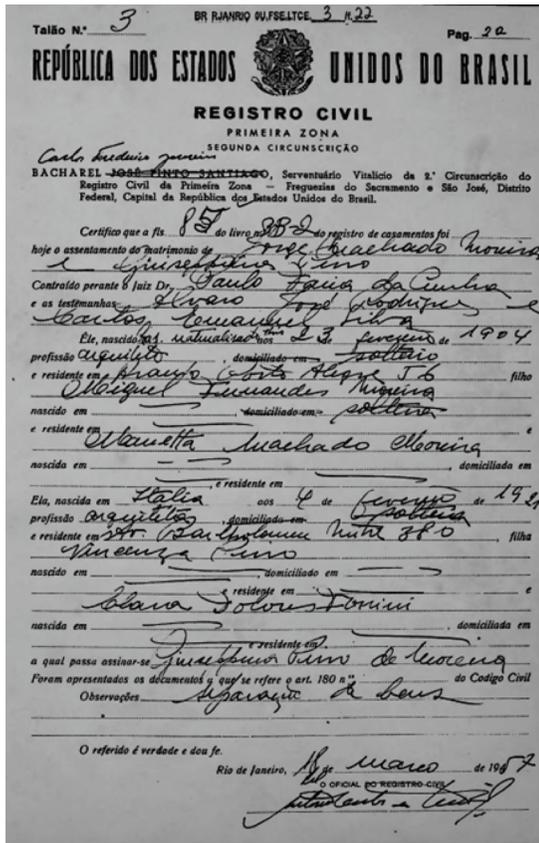


FIG. 4:

Certidão de casamento de Giuseppina Pirro e Jorge Moreira. 1957.

Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Kauss sobre o casal Moreira revelou informações muito concretas sobre a questão de suas personalidades. Ao longo deste escrito, foi se construindo a imagem de Giuseppina como mulher independente, ultrapassando, ao lado de tantas outras, muitos dos limites impostos naquele momento pela sociedade à figura feminina. Jorge, com sua característica extremamente perfeccionista, detalhista e racional, parece ter encontrado em Giuseppina uma companheira cuja personalidade era semelhante a dele. Afinal, ela era dedicada à arquitetura da mesma forma racional e, até certo ponto, integral. Suas personalidades pareciam se alinhar: Giuseppina como arquiteta sempre optou pelas áreas técnicas, tal como quando atuou como professora de geometria descritiva na FNA-UB e cujos relatos mencionam um misto de seriedade, gentileza e firmeza, uma personalidade forte e concreta (KAUSS, 2021). A paridade de suas personalidades levou o casal Moreira a oficializar a união em 18 de março de 1957 (FIG. 4), seguindo juntos durante muitos anos compartilhando a mesma vida

profissional. Os arquitetos moraram em um edifício projetado por Jorge, localizado no bairro do Jardim Botânico, no Rio. O casal não teve filhos.⁴ Não é possível afirmar, porém, se essa foi uma opção do casal, apenas de Giuseppina como mulher independente ou mesmo se houveram motivações relacionadas às possíveis situações que o casal pudesse enfrentar em relação entre a arquitetura e a vida pessoal.

Juntos, trabalharam no ETUB até 1962, quando projetaram os edifícios da Cidade Universitária (FIG. 5). Neste mesmo ano, Jorge, a caminho do ETUB, sofreu um acidente automobilístico dentro da Cidade Universitária que resultou em inúmeras fraturas por todo o corpo, deixando-o imobilizado durante meses (CONDURU apud CZAJKOWSKI, 1999, p.20).

A partir do episódio do acidente, mesmo com as limitações físicas que agora tinha, Jorge seguiu trabalhando, com Pina cada vez mais presente. Este episódio foi um divisor de águas para os projetos realizados pelos dois, que agora trabalhavam em parceria em projetos privados, assumindo menos encargos públicos. Jorge afastou-se



FIG. 5:

Baseando-se em comparações da fisionomia em outros registros fotográficos, acredita-se que esta mulher ao lado de Jorge Machado Moreira possa ser Giuseppina. Não é possível afirmar, pois não existem outras fotos desta época.

Fonte: CZJAKOWSKI, 1999, p.187.

do ETUB em seguida, mesmo após o auxílio de Giuseppina para continuar. Não se sabe até quando Giuseppina atuou efetivamente no escritório. A partir de então, é possível encontrar alguns projetos de residências e edifícios privados associados ao nome de Jorge e que sempre tem Giuseppina apontada como arquiteta colaboradora, algo que anteriormente ao acidente acontecia de modo mais pontual.⁵

Desse período, temos o conhecimento de apenas um edifício proposto inteiramente por Giuseppina. Localizado no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, o edifício é, ou era, de propriedade da família Pirro Tonini. Com características simples, ofuscado ao lado de outros gigantes do entorno, o Edifício Claura está implantado em um terreno estreito, possui duas empenas cegas laterais com ladrilhos amarelos, janelas de altura do pé direito e um efeito "zigzag" criado pela disposição de aparelhos ar-condicionado na fachada principal. Aparentemente, o edifício pode já ter sofrido modificações a partir de seu projeto original. Não foram encontrados desenhos, fotos, ou sequer relatos para

nossa análise, apenas visualizações a partir do Google Street View.

Pensemos então sobre o conceito levantado por Beatriz Colomina (1999) sobre a mulher sempre ser colocada como colaboradora, quando na verdade foi uma parceira de trabalho. Nos projetos em que dividiu a atuação com Jorge, podemos ver o nome de Giuseppina colocado após a preposição "com", que, de acordo com Colomina (1999), implica uma ajudante, uma persona secundária que apenas colabora com o indivíduo que é o principal de todo o projeto. Essa característica fomenta certas diferenças e complexidades e encoraja diferentes formas de produção e discurso, mesmo nos créditos finais do projeto, quando o mito de um gênio é reafirmado. E, apesar de ser algo muito mais nítido na figura feminina, sobretudo em casos de colaboração entre casais, não é algo restrito a elas. Vemos também nomes de homens que colaboraram com os projetos de Jorge no ETUB, mas que só atualmente vêm ganhando visibilidade e um lugar na memória historiográfica, como é o caso do arquiteto Aldary Toledo. Giuseppina então

teria assumido esse papel de colaboradora ou é mais um exemplo de mulher colocada à sombra de seu esposo?

Afinal, a própria historiografia não cumpre a função de considerar sua atuação digna de ser evidenciada. Ainda que tenha uma atuação intensa e significativa para o debate arquitetônico, sobretudo ao longo dos anos de 1940, 1950 e 1960, para a educação da arquitetura, a historiografia não confirma sua existência. Mas Giuseppina nada tinha de invisível.

Independentes, mas inseparáveis. A relação de Jorge e Giuseppina parece que se compunha de uma parceria afetiva bastante significativa (FIG. 6). Kauss (2021), porém, os descreve como complementares: Jorge, com seu temperamento difícil e "impertinente", mantinha o relacionamento do casal equilibrado diante de uma personalidade cartesiana e ponderada que era Giuseppina. Um comentário certamente problemático e que pode partir da visão social de que a mulher deveria ser a solução e o equilíbrio para a personalidade forte do homem, dentro de um relacionamento. Podemos pensar que, sim, Giuseppina poderia ser uma personalidade muito parceira de Jorge, mas precisamos desmitificar certos ideais, sobretudo impostos naquela época, para os comportamentos femininos.

Durante todos os anos de suas trajetórias profissionais, inclusive quando já estavam em idade bastante avançada, Jorge e Giuseppina foram ativos no IAB (entre os departamentos nacional e carioca). De acordo com anexos em Dedecca (2018), sobre as gestões do IAB (antes da fundação dos departamentos estaduais), o arquiteto aparece pela primeira vez como membro do conselho diretor da instituição em 1951, mesmo ano em que Giuseppina Pirro é parte do conselho fiscal. A cena se repete nas próximas duas gestões: em 1952, Jorge segue como membro do conselho diretor e Giuseppina passa a dividir o mesmo cargo com ele e outros treze arquitetos; em 1953, Jorge assume a vice-presidência do IAB enquanto Giuseppina segue atuando como membro do conselho diretor até o final da gestão.

Mesmo após não fazerem parte da gestão, o casal atuava rotineiramente em discussões, palestras e outros eventos do Instituto. Giuseppina sempre esteve presente em atividades relacionadas

à educação, sobretudo nas comissões específicas do ensino da arquitetura. De acordo com amigos do casal, eles eram os primeiros a chegar no Instituto e os últimos a irem embora, portanto, há quem diga que Jorge e Giuseppina foram dois dos membros mais ativos do IAB-RJ.

Jorge Machado Moreira faleceu em 1992, aos 88 anos. Sem filhos, mas acompanhada de familiares próximos, Giuseppina seguiu sozinha na tentativa de manter vivo o legado de Jorge. Assim, todos os indícios e registros nos levam a crer que seus últimos anos de vida foram vividos em prol desta concretização da memória de seu companheiro. Em 1999, a arquiteta, que até então era dona do acervo JMM,⁶ contribuiu com o projeto do livro "Jorge Machado Moreira", organizado por Jorge Czajkowski, que se tornou também uma exposição no mesmo ano no Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro.

Não se sabe ao certo se Giuseppina seguiu, nos anos em que viveu sem Jorge, atuando profissionalmente, mas, considerando sua idade, acredita-se que se aposentou como arquiteta e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre as décadas de 1980 e 1990. Infelizmente, a família não se disponibilizou a fornecer tais informações. De qualquer maneira, há aqui uma hipótese para reflexão: parece que Giuseppina deixou de lado sua trajetória profissional após a morte de Jorge, para então dar atenção e cuidados à conservação e difusão de sua memória. Essa hipótese, porém, nos faz pensar sobre os porquês que a levaram a certo abandono de sua própria carreira. Claro, naquele momento, Giuseppina poderia estar aposentada, afinal, no momento estava com 71 anos; porém, por que só o enfoque na trajetória de Jorge? Afinal, apesar de suas trajetórias serem muito próximas e parceiras, Giuseppina também teve sua importância na profissão.

A historiografia por si só, desde o princípio, não colaborou para a visibilidade daqueles que colaboraram com grandes projetos. Pirro foi um exemplo. Não podemos nos esquecer, porém, que desde sempre mulheres são ensinadas que "a autopromoção não é atraente ao traço feminino – fazendo assim menos esforço para contar suas histórias" (STRATIGAKOS, 2016, p.67). Sobretudo tratando-se de uma



FIG. 6:

Pina Pirro e Jorge Moreira.

Fonte: CZJAKOWSKI, 1999, contracapa.

geração mais antiga de arquitetas, como a de Giuseppina, é comum (porém anormal) que mulheres escolham priorizar a carreira de seus maridos, enquanto a sua própria perde-se nos anos vividos.

Giuseppina seguiu comparecendo e opinando nas reuniões do IAB-RJ, mesmo bastante idosa e sem a companhia de Jorge, participando principalmente das que se envolviam com o assunto do ensino da arquitetura.⁷ A arquiteta faleceu em 28 de março de 2010, aos 89 anos, em seu apartamento no Rio de Janeiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado nos revela muito sobre os processos de invisibilização historiográfica de uma trajetória plural, sobretudo pelo fato de ser de uma arquiteta mulher. Temos como nosso grande exemplo, Giuseppina Pirro de Moreira, arquiteta cuja atuação se entrelaçou ao planejamento de uma grande cidade universitária, à docência de arquitetura em uma disciplina pouco

comum para mulheres da época, à representação brasileira em congressos internacionais, e outros de âmbito nacional, à sua posição de correspondente brasileira em uma revista especializada de circulação transnacional e de membro do corpo editorial de revistas nacionais. O levantamento de sua biografia, portanto, nos revela como os grandes manuais ou as grandes visadas historiográficas, muitas vezes, deixaram de lado ou diminuíram a importância de uma pluralidade de trajetórias, não somente femininas, que, por seu modo de atuação colaborativo, não se encaixavam na tradicional perspectiva do arquiteto-homem-gênio, e eram assim relegadas a um lugar secundário.

Esperava-se, porém, que as respostas para as questões que surgiram no início da pesquisa pudessem se revelar em escritos da época, e apesar do grande compilado de informações que aqui fazemos, faz-se necessário reiterar a dificuldade existente para realização de pesquisas deste tipo, sobretudo considerando que estes grandes manuais excluem informações valiosas que também fazem parte de uma nova história,

ainda a ser narrada. Temos que recorrer a métodos de pesquisas em acervos digitais, que englobam os periódicos populares e especializados da época, a fim de encontrar vestígios de uma trajetória ainda pouco traçada. Estes, porém, tornam-se cada vez mais escassos a partir do final de 1960. Não temos muitos resultados consolidados depois desse período, pela existente escassez de dados, para isso, porém, as entrevistas com aqueles que conviveram com a arquiteta foram extremamente importantes para a consolidação de informações antes esparsas. Temos por hipótese que estes dados podem ser cada vez menores por uma possível reclusão do casal Moreira, após o acidente de Jorge, que se afastou aos poucos do ETUB, o que tornou sua produção arquitetônica cada vez mais lenta (CZAJKOWSKI, 1999).

Resgatemos então, o que diz Despina Stratigakos (2016) no capítulo 5 de seu livro *Where Are The Women Architects?*, no qual faz uma relação entre o confronto da história e dos registros das mulheres arquitetas na plataforma informativa online Wikipedia. De acordo com Stratigakos (2016), apesar das histórias de mulheres arquitetas estarem cada vez mais disponíveis em trabalhos que apontam suas trajetórias, ainda há muito para estas se tornem realmente visíveis. É muito comum que, ao submeter em pesquisas online os nomes de figuras masculinas, que aparecem frequentemente na historiografia como os grandes mestres da arquitetura moderna brasileira (ou mesmo internacional), encontremos logo uma breve biografia como resumo de sua trajetória na plataforma. É pouco comum, porém, que aconteça o mesmo com arquitetas mulheres da época. Se buscarmos o nome de Giuseppina em uma pesquisa no Google, veremos então que seu nome aparece brevemente em alguns resultados esparsos que nada nos revela além de que ela foi esposa de um arquiteto reconhecido pela historiografia, enquanto, ao submetermos o nome de Jorge Moreira, encontraremos inúmeros resultados, de toda sua trajetória (incluindo os edifícios projetados em parceria com o ETUB e as residências com Giuseppina). Stratigakos sugere, portanto, que apesar da desconexão entre a produção da história e sua divulgação através de livros e artigos, é necessária a inclusão de páginas na

internet que contem suas histórias, para que as gerações mais jovens de estudantes e arquitetos tenham a consciência de que as mulheres também contribuíram para a produção do ambiente construído.

Se, enquanto possuímos grandes manuais, muitas vezes escritos por figuras masculinas que reafirmam a existência do gênio fálico individual, temos um número crescente de estudos que têm por objetivo dar vozes às mulheres da história da arquitetura, ainda precisamos torná-las de fato visíveis. É necessário não somente que a historiografia da arquitetura incorpore estes nomes, mas que os programas disciplinares nas faculdades de arquitetura tenham a consciência da necessidade de estudo destes nomes. Precisamos conhecer a história da arquitetura por inteiro, e não somente a arquitetura assinada por homens que alçaram fama à época.

Apesar das reflexões, formular respostas para a invisibilidade historiográfica das mulheres arquitetas certamente é um processo em desenvolvimento. Caberá aos pesquisadores, portanto, a tarefa de produção, para que cada vez mais tenhamos estudos que deem nomes aos rostos que desenharam nossas cidades. Finalizemos então considerando que todo o estudo aqui expresso tem por objetivo levar o leitor à reflexão sobre como nossa arquitetura teve fundamental participação feminina e como a historiografia coloca colaborações em um papel secundário, ainda que estas tenham ganhado espaço significativo no campo. Os caminhos para as respostas que incorporam este estudo são muitos. As especulações sobre a invisibilidade historiográfica nos levam a crer que ainda há muito para garantir que as mulheres tenham seu lugar visível. Assim, o campo segue aberto, aguardando novas perspectivas e olhares que retornem ao passado recuperando nomes e suas trajetórias plurais.

NOTAS

1. Nada foi encontrado sobre quem foi Sebastião Almeida Pocinhos, mas, de acordo com imagens presentes em Dedecca (2018), ele também foi membro da delegação brasileira que participou do IV Congresso da União Internacional de Arquitetos (UIA), em 1955, agora sem Giuseppina. Acredita-se, porém, que também foi um arquiteto e que, apesar de não haver registros, talvez tenha composto a Comissão Organizadora de Representações Brasileiras do IAB.

2. O arquivo da tese está disponível atualmente como parte do acervo "Benedito Castrucci" e foi gentilmente cedido digitalizado à autora, através da equipe da biblioteca Carlos Benjamin Lyra, do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP), em 2020. Tratado internacional para redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa.
3. Considerando que essa pesquisa se aproxima de Giuseppina Pirro, não houve tempo suficiente para estudo aprofundado destes nomes. Assim, deixa-se aqui novos caminhos de pesquisa.
4. Fato confirmado por Adele Weber e Claudio Moura, em entrevista concedida à autora realizada em julho de 2021.
5. Os projetos de Jorge com colaboração de Giuseppina são: Residência Antonio Ceppas (1951-1958); Edifício de Apartamentos Gávea Parque (1960); Apartamento no Edifício Antonio Ceppas (1967); Residência Alfredo Ornellas (1970); República Benfica (s.d.). Todos os desenhos originais encontram-se no Acervo Jorge Machado Moreira.
6. Hoje, o acervo Jorge Machado Moreira encontra-se sob responsabilidade do Núcleo de Pesquisas e Documentações da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado dentro de um edifício que leva o nome do arquiteto na Cidade Universitária da Ilha do Fundão.
7. De acordo com relato de Lília Varela, primeira mulher a ser presidente do IAB-RJ (na gestão de 1996-1997), que apesar de pouco, conviveu com Giuseppina durante os encontros de instituto.

REFERÊNCIAS

70% DOS ALUNOS da Escola da Belas Artes são mulheres. **Revista da Semana**, n. 15, p.50, 10 abr. 1948.

ANTUNES, L. **Arquitetura**: substantivo feminino. 2012. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) — Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2012.

BELARMINO, C. A. "Futura architecta": a trajetória da primeira mulher formada em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [s. l.], v.20, p.1-15, 2022. doi: 10.11606/1984-4506.risco.2022.193506.

BERTONHA, J. F. Italianos na cidade do Rio de Janeiro: uma comunidade (re)descoberta. **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**, n.8, p.415-428, 2014.

CARVALHO, José Viana de. Osteo mielite aguda central da tibia. **Revista O Brasil-Médico A Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**. Rio de Janeiro, ed. 25 e 26, 22 e 29 jun. 1946.

COLOMINA, B. Collaborations: The Private Life of Modern Architecture. *Journal of the Society of Architectural Historians*, v.58, n.3, p.462-471, 1999.

CZAJKOWSKI, J. **Jorge Machado Moreira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

DECLARAÇÕES: Manifesto aos Arquitetos. **Correio da Manhã**, p.8, 10 jul. 1949.

DEDECCA, Paula Gorenstein. **Arquitetura e engajamento**: o IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970). 2018. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ENSINO: Faculdade Nacional de Arquitetura. **Correio da Manhã**. 3ª Seção, p.3, 7 mai. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=%22giuseppina%20pirro%22&pasta=ano%20195&pagfis=2918 Acesso em: outubro, 2021.

KAUSS, Adir Ben. Entrevista cedida a Giovanna Teixeira Freire [autora], São Paulo, 23 mar. 2021. *In*: FREIRE, G. T. **À Procura de Giuseppina Pirro**: entre os indícios de uma

trajetória plural e sua invisibilidade historiográfica (1940-1980). 2021. Relatório de Iniciação Científica (Iniciação científica em Arquitetura e Urbanismo) — Escola da Cidade, São Paulo, 2021, p.160. Disponível em: https://www.academia.edu/84439769/%C3%80_Procura_de_Giuseppina_Pirro_entre_os_ind%C3%ADcios_de_uma_trajet%C3%B3ria_plural_e_sua_invisibilidade_historiogr%C3%A1fica. Acesso: out. 2023.

LUCHESE, Maria Cecília. **Em defesa do planejamento urbano**: ressonâncias britânicas e a trajetória de Harry James Cole. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

MATEMÁTICA divertida e curiosa: concurso nº 26. **Revista Vamos Ler!** Rio de Janeiro, 24 abr. 1941.

NOSSOS homens, nossas obras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 e 18 out. 1948, p.33.

NOTICIÁRIO ELEGANTE: Festas. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 4 dez. 1937.

NOVA TURMA de arquitetos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 dez. 1945, p.6.

PELO "AUGUSTUS": A chegada do novo ministro do Equador no nosso país. **Correio da Manhã**, p.8, 31 mar. 1935.

PELO "GIULIO CEZARE": O professor Severi, da Academia da Itália e da Universidade de Roma, a caminho da Argentina. **Diário da Noite**, p.2, 8 mai. 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_01&pesq=%22giuseppina%20pirro%22&pasta=ano%20193&pagfis=63 Acesso em: set. 2021.

PIRRO, G. **Método Denise Gastão Gomes**. 1948. [s. l: s. n.].

RABELO, Clévio. **Arquitetos na cidade**: espaços profissionais em expansão [Rio de Janeiro, 1925-35]. 2011. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROLDAN, D. D. Arquitetura e urbanismo na América Latina na revista L'Architecture d'aujourd'hui entre 1945 e 1958. **Revista América**, n.1, dez. 2018.

SÁ, F. C. **Profissão**: arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STRATIGAKOS, D. **Where Are the Women Architects?** New Jersey: Princeton University Press, 2016.

VIDA CULTURAL: Congressos. **Correio da Manhã**. Vida Cultural, Caderno 2, p.2, 25 out. 1953. Acesso em: set. 2021.

WRIGHT, G. **Women in Modernism**. In: *Women in Modernism: Making Places in Architecture*. Nova Iorque: Berberly Willis Architecture Foundation, 2007.

XIX CONGRESSO Internacional de Habitação e Urbanismo e I Congresso da União Internacional de Arquitetos. **Correio da Manhã**, p.15, 24 jun. 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22giuseppina%20pirro%22&pasta=ano%20194&pagfis=42068 Acesso em: nov. 2021.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade, 2022.

giovannafreire.arq@gmail.com